



“Tenho fé de que um dia nenhuma cota vai ser necessária”

JOÃO CRISTINO,
MORADOR DO JARDIM SÃO REMO

OPINIÃO

Uma medida emergencial

MARIANA MELO

O crescimento do Brasil como potência econômica e industrial no século XXI sinaliza positivamente para a melhoria das condições sociais de todos os brasileiros.

No entanto, o ingresso na Universidade pública constitui um impasse às políticas de integração socioeconômicas. Algumas medidas tomadas pelo governo nos últimos dez anos, como a criação de cotas raciais e sociais para algumas instituições federais de Ensino Superior, além da tentativa de unificação dos vestibulares, com a adoção do ENEM não só como processo avaliativo, mas seletivo, criaram mais polêmicas do que de fato resolveram a questão da democratização da graduação no Brasil.

A criação do Prouni, programa que garante descontos e bolsas de estudo para alunos carentes que ingressarem na rede particular de Ensino Superior, não resolve a questão do acesso à Universidade. Nele, o governo federal fornece incentivos fiscais às instituições particulares de ensino, e concentra interesses e esforços no setor privado, ao invés de investir na qualidade das instituições públicas e na ampliação da quantidade de vagas nessas instituições.

A reserva de vagas para os alunos saídos do Ensino Médio público ou por definições raciais visa corrigir, num primeiro plano, injustiças sociais, num reconhecimento de que, para aumentar o grau de escolaridade dos brasileiros, não é correto esperar que a população possa investir tanto dinheiro na sua formação. Mesmo assim, a quantidade de cotas nas Universidades ainda é insuficiente para o número de jovens sem condições de continuar estudando.

Ensino público é inferior

Desigualdade entre escolas públicas e privadas é consenso



Ana Pinho
Luiz Felipe Guimarães

De acordo com o Censo de Educação Superior de 2009, conduzido pelo INEP (Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais), das cerca de 5 milhões de matrículas em instituições de ensino superior 36.294 foram preenchidas por meio do sistema de reserva de vagas, as chamadas “cotas”. São 69% de alunos de escolas públicas, 25% de beneficiados por cotas raciais e 4% por cota sociais, baseadas na renda familiar.

O relatório também diz que o Programa Universidade Para Todos (Prouni), que premia estudantes com bolsas integrais ou parciais, de acordo com seu desempenho na prova do ENEM, é responsável pela ajuda financeira de 36% dos 215 mil alunos do Brasil.

Marcelo Silva de Lima, de 19 anos, estuda Administração de Empresas na Universidade Presbiteriana Mackenzie com bolsa do Prouni. Ele conta que foi um processo demorado: “Tive que fazer o ENEM e depois me inscrever no Prouni. Há a exigência de uma grande quantidade de documentos que comprovem

sua renda, mas no fim vale a pena.” Em relação aos sistemas de inclusão, Marcelo acredita que as cotas sociais são parâmetros mais confiáveis do que as raciais: “Somos um país miscigenado, e é mais fácil escolher por critérios econômicos do que raciais”.

Júlio César de Oliveira Santos, de 17 anos, vai prestar vestibular pela primeira vez. Preparando-se na escola pública em que estuda, ele sonha em cursar Letras na Universidade de São Paulo, e já sabe até as línguas que quer estudar: inglês e português. Liberado de pagar a taxa de inscrição da FUVEST, não concorda com as cotas sociais ou raciais. “Nenhum é certo, deveria haver igualdade”, diz. “Mas todos sabem que o ensino público não é bom”, continua.

Marcelo possui uma opinião semelhante: “Elas cumprem parcialmente seu papel de inclusão social. O ideal seria que todos pudessem concorrer de igual para igual, ou seja, educação básica de qualidade”.

Cotas são necessárias

Já Maria das Graças Cruzeiro, de 23 anos, pensa que, caso não haja melhora nas escolas públicas, “as cotas são o único jeito”. “Educação é muito importante, e os pobres, que em sua maioria são negros e mulatos, são os que mais sofrem. É um jeito de avançar”, explica.

Para João Cristino, de 57 anos, é uma questão de justiça. “As pessoas dizem que no Brasil não tem preconceito, não tem racismo, mas tem sim. Já senti muito isso na pele. Se as cotas ajudarem os jovens a subir na vida, tendo mais conhecimento e educação, podendo competir melhor com quem teve mais oportunidade, elas serão boas”. E conclui, esperançoso: “Tenho fé de que um dia nenhuma cota vai ser necessária, se Deus quiser”.